



# O QUE SERÁ DO BRASIL EM 2020? **2**

Claudio Porto e Raphaela Moreira

MAIO DE 2020

SÉRIE | Cenários Macroplan

A responsabilidade pelo conteúdo e forma do presente texto é exclusiva do autor e da autora. A Macroplan, que dá suporte à sua divulgação, respeita e pratica a diversidade de pensamento desde que as abordagens sejam fundamentadas em teorias, evidências, hipóteses, conjecturas ou boas práticas baseadas na Ciência.

# Sumário

Síntese.....	2
<b>1. O COVID-19, a economia e a política brasileira em 2020 .....</b>	<b>3</b>
<b>2. Três macro cenários para o Brasil em 2020 .....</b>	<b>10</b>
2.1. O melhor cenário: A Reconquista da Normalidade .....	11
2.2. Um cenário muito provável: Aos Trancos e Barrancos.....	12
2.3. O pior cenário: A Marcha da Insensatez .....	13
<b>3. Avaliação exploratória da plausibilidade dos três macro cenários.....</b>	<b>15</b>
<b>4. Conclusão: pessimismo em alta .....</b>	<b>16</b>
Anexo: Comparação entre a 1º e 2º survey de expectativas .....	17
Ficha técnica .....	21

## Síntese

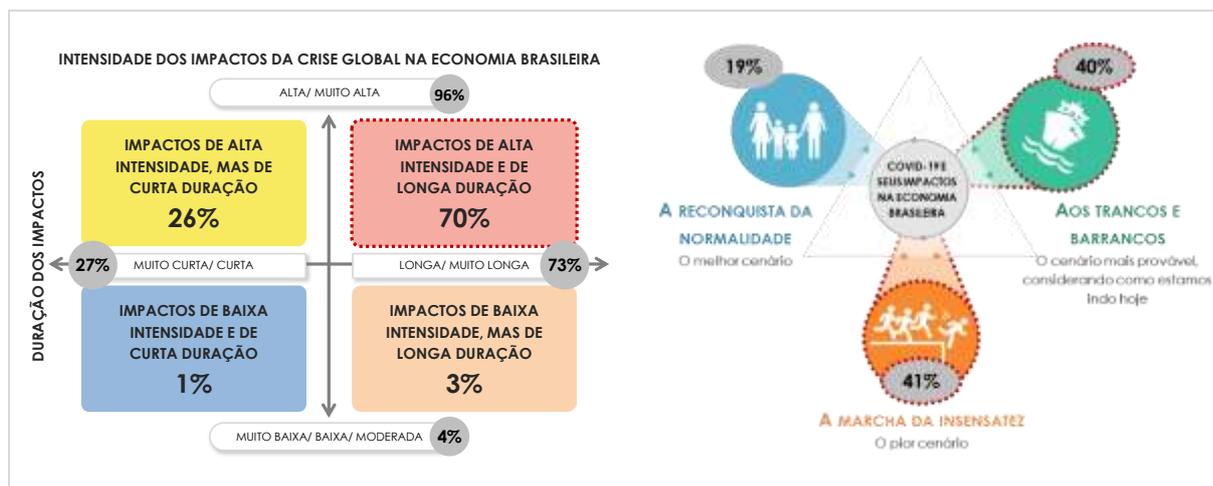
Hoje, 11 de maio de 2020, o Brasil acumula mais de 11.500 mortes pela COVID-19 e a nossa curva de crescimento da epidemia continua exponencial. O pessimismo da sociedade brasileira em relação aos impactos econômicos e sociais do COVID-19 e ao padrão de resposta do país à crise aumenta em ritmo semelhante ao do seu crescimento, que agora se espalha pelas áreas urbanas mais pobres das grandes e médias cidades do país. A sobrecarga de informações - tanto as análises epidemiológicas com base científica como as *fake news* - acirra a polarização nas redes sociais e em manifestações nas ruas e janelas contra e a favor de governantes e lideranças políticas, e em especial do presidente Bolsonaro.

Na segunda quinzena de abril de 2020, a Macroplan realizou a 2ª sondagem de expectativas junto a uma amostra direcionada com pessoas de todo o país. O resultado - e sua comparação com a sondagem de março - revela uma forte acentuação do pessimismo: na data da conclusão, 18 de abril, 96% dos consultados esperavam que a intensidade dos impactos da crise global na economia brasileira será alta ou muito alta; e 73% acreditavam que sua duração será longa (mais de 6 meses).

Nesta 2ª sondagem, a Macroplan acrescentou uma nova questão: “qual seria a reação do país à crise?” e ofereceu três macro cenários como alternativa. Os cenários negativos foram os mais prováveis: “*a marcha da insensatez*”, de acirramento de confrontos e polarizações, e “*aos trancos e barrancos*”, onde se destaca a falta de coordenação das ações públicas. Ambos somaram 81% dos votos dos respondentes. Apenas 19% elegeram o cenário “*a reconquista da normalidade*”, manifestando esperança em uma saída pela construção de um amplo pacto de coesão e entendimento.

Sondagem qualitativa posterior, efetuada pela Macroplan, constatou uma forte acentuação do binômio “desalento-apreensão” após a demissão de Sergio Moro, das crescentes ameaças de sabotagem à agenda do ministro Guedes e da escalada de turbulências políticas provocadas pelo Presidente da República com a complacência, cada vez menos sutil, do seu entorno militar.

Figura 1. Probabilidades dos cenários focalizados no COVID-19 e dos macro cenários de reação do Brasil



Fonte: Macroplan. Sondagem de expectativas com 171 respondentes entre 10 e 18 de abril de 2020.

# 1. O COVID-19, a economia e a política brasileira em 2020

Como previsto, a pandemia do COVID-19 expandiu e se disseminou substancialmente em todo o mundo entre os meses de março e abril. No Brasil essa aceleração e intensificação ainda não parou de crescer e o pior ainda está por vir: quando concluímos este relatório<sup>1</sup> nosso país já ultrapassara 11,5 mil mortes<sup>2</sup> e nossa taxa de letalidade<sup>3</sup> já era a 24ª mais alta do mundo.

Para mapear expectativas relacionadas aos impactos e desdobramentos deste fenômeno disruptivo, entre os dias 10 e 18 de abril, a Macroplan realizou uma 2ª sondagem de expectativas junto a uma amostra de 171 pessoas de todo o país, incluindo economistas, sociólogos, cientistas políticos, médicos, engenheiros, executivos de empresas, políticos, pesquisadores e professores de universidades. Trata-se, portanto, de uma amostra direcionada, porém diversificada, mas que não tem representatividade estatística se comparada com as expectativas de toda a população ou de um estrato específico.

Nesta sondagem, quando olhamos para o futuro econômico e político do país a curto prazo (O que será do Brasil em 2020), três incertezas de 1ª ordem foram consideradas:

- 1. Qual será a intensidade dos impactos desta crise global sobre a economia brasileira e qual será sua duração?** Do cruzamento desse par de incertezas derivamos quatro cenários focalizados;
- 2. Como o Brasil reagirá a essa crise do ponto de vista macro, especialmente nos planos político-institucional e econômico?** Para obter uma avaliação de probabilidades, oferecemos três macro cenários político-institucionais e econômico-sociais; e
- 3. Qual a distribuição de expectativas resultante do impacto cruzado das probabilidades dos cenários focalizados e dos macro cenários?**

---

<sup>1</sup> Relatório finalizado em 11/05/2020 às 18h.

<sup>2</sup> Segundo Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em 11/05/2020 às 09h55.

<sup>3</sup> Nº de mortes por 100.000 habitantes Segundo John Hopkins Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>. Acessado em 11/05/2020 às 09h55.

Na primeira pergunta, os participantes tinham como opção de resposta escala de 0 a 100%, sendo:

- a. de 0 a 50%: impacto muito baixo, baixo ou moderado; e
- b. de 51 a 100%: impacto alto ou muito alto.

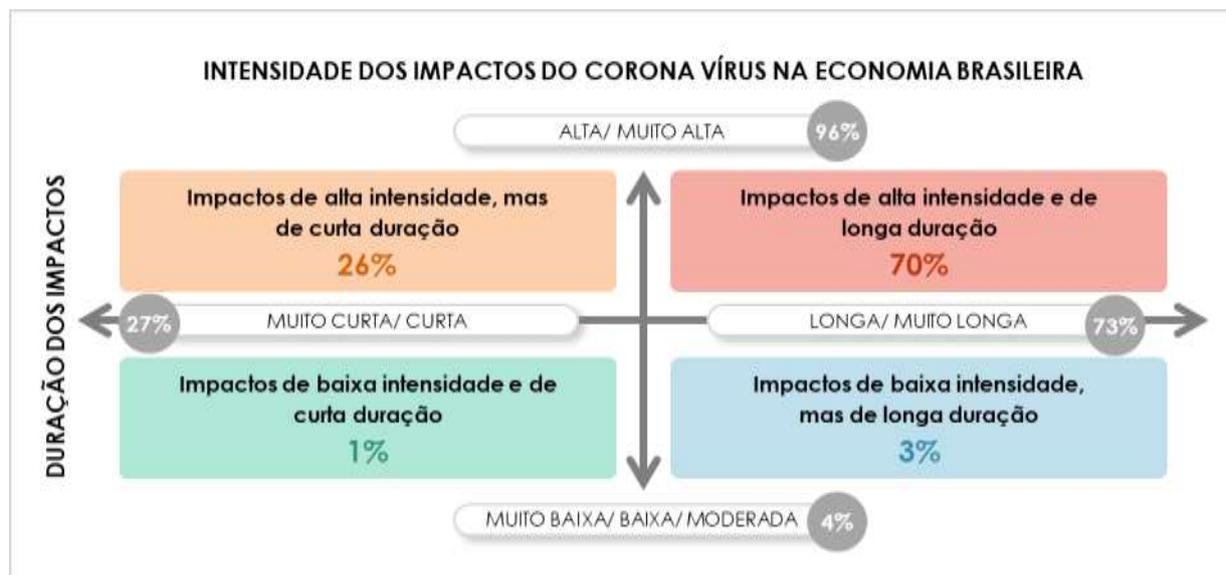
Já sobre a segunda questão (duração), as opções de resposta variaram de 0 a 12 meses, sendo:

- a. de 0 a 6 meses duração muito curta ou curta; e
- b. de 7 a 12 meses: duração longa/ muito longa.

O resultado desta 2ª sondagem - e sua comparação com a de março - revela forte acentuação do pessimismo: 96% dos consultados afirma que a intensidade dos impactos da crise global na economia brasileira será alta ou muito alta, (10 pontos percentuais acima do resultado da sondagem anterior). Mudança de expectativa ainda maior refere-se à duração dos impactos: 73% acredita que será longa, contra 59% que manifestou percepção de curta durabilidade da crise no mês passado.

A combinação das respostas obtidas<sup>4</sup> em dois eixos, um vertical com a intensidade dos impactos do coronavírus; e um horizontal com a sua duração, configura quatro cenários distintos com as respectivas probabilidades representadas na Figura 2, abaixo. O cenário focalizado “Impactos de alta intensidade e de longa duração é o mais provável: 70%, segundo as expectativas dos respondentes.

Figura 2. Cenários sobre impactos do coronavírus na economia brasileira



Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

<sup>4</sup> Mediante emprego da técnica de impactos cruzados.

Como ainda estamos numa conjuntura muito volátil, na qual os fatos e as percepções mudam com grande rapidez, esta 2ª sondagem também captou como as expectativas tornaram-se mais pessimistas com o passar dos dias: a expectativa negativa para “impactos de alta intensidade e de longa duração” alcançou 100% de probabilidade entre 15 e 18 de abril, auge da crise de descoordenação do governo federal, que provocou a demissão do então Ministro da Saúde, Henrique Mandetta.

Figura 3. Evolução das expectativas sobre impactos do coronavírus na economia brasileira

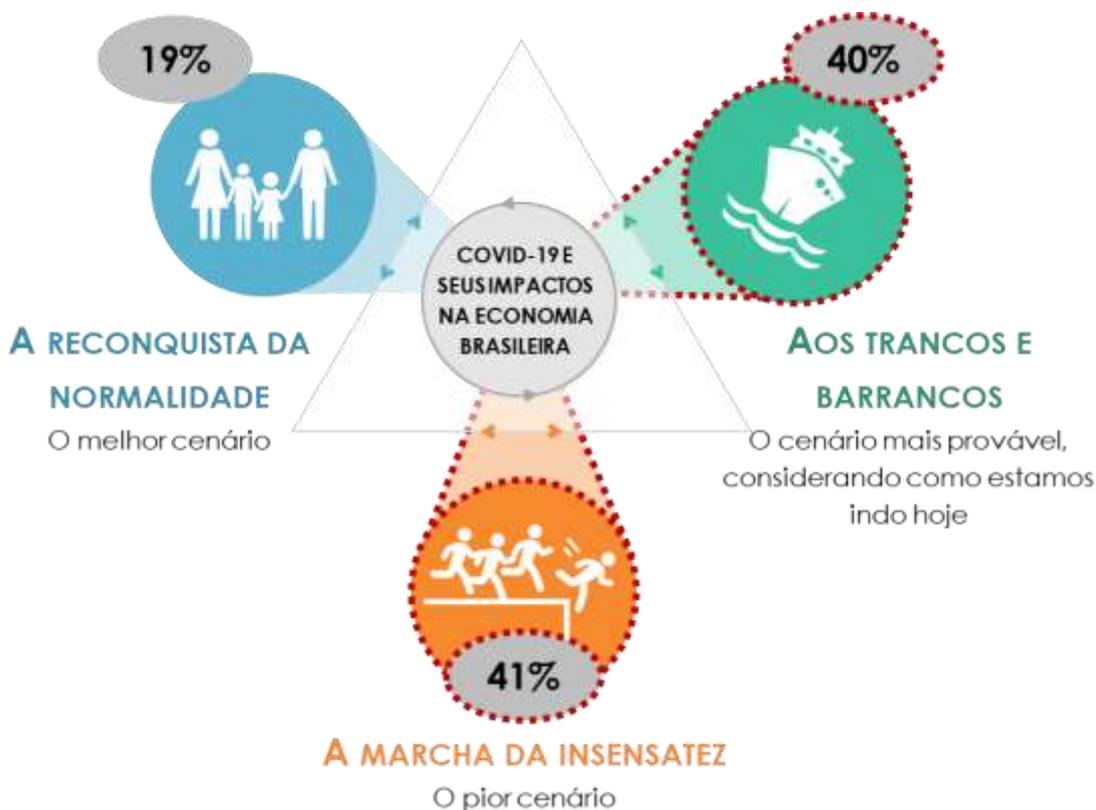


Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

Para obter uma avaliação de **probabilidades** sobre a **segunda incerteza** – como o Brasil reagirá a essa crise do ponto de vista macro, especialmente nos planos político-institucional e econômico – oferecemos três macro cenários político-institucionais e econômico-sociais: (i) “A reconquista da normalidade” – o melhor cenário; (ii) “Aos trancos e barrancos” - o cenário mais provável, considerando como estamos indo hoje; e (iii) “A marcha da insensatez” – o pior cenário.

O pessimismo também predominou largamente. Os cenários mais prováveis foram: “A marcha da insensatez”, de acirramento de confrontos e polarizações (41% das expectativas dos respondentes), e “Aos trancos e barrancos” (40% das expectativas) onde se destaca a falta de coordenação das ações públicas. Apenas 19% elegeram o cenário “A reconquista da normalidade”, manifestando esperança em uma saída pela construção de um amplo pacto de coesão e entendimento.

Figura 4. Três macro cenários para o Brasil em 2020



Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

Do mesmo modo que na questão anterior, também captamos aqui uma deterioração das expectativas ao longo do tempo de aplicação da 2ª sondagem:

Figura 5. Evolução das expectativas sobre a reação do plano político-institucional à crise do COVID-19



Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

As principais características desses três cenários estão descritas à frente.

Antes, porém, cabe considerar a 3ª incerteza: qual a distribuição de expectativas resultante do impacto cruzado das probabilidades dos cenários focalizados e os macro cenários?

Uma síntese dos resultados obtidos está indicado na Tabela 1 e confirma o pessimismo também em nível macro: 78% esperam uma evolução predominantemente negativa, enquanto apenas 19% têm esperança de melhoria!

Tabela 1. Probabilidades cruzadas: Cenários Focalizados x Macro cenários políticos-institucionais de reação do país à crise (Abril, 2020)

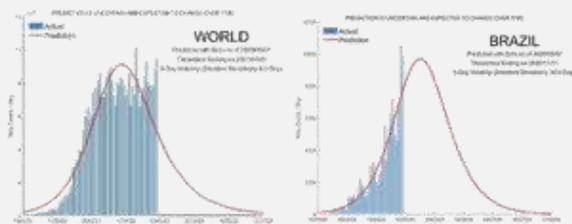
Cenários focalizados: intensidade e duração da crise do Covid no Brasil	Probabilidades associadas	Cenários de reação do país à crise		
		(A) Aos trancos e barrancos	(B) Acirrando confrontos e polarizações	(C) Construindo coesão e entendimento
		40%	41%	19%
Alta intensidade e longa duração	70%	28%	29%	13%
Alta intensidade e duração moderada	26%	10%	11%	5%
Baixa intensidade e longa duração	3%	1%	1%	1%
Baixa intensidade e duração moderada	1%	0,4%	0,4%	0,2%

Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

## O PICO DA PANDEMIA E TENTATIVAS POUCO EFICAZES DE CONTENÇÃO DO VÍRUS NO BRASIL<sup>5</sup>

Enquanto o mundo talvez já tenha passado pelo pico da pandemia do COVID-19, o Brasil parece estar longe de atingi-lo (Figura 6) e é o novo epicentro da pandemia na América Latina. Os motivos para o desolador cenário brasileiro variam desde a falta de ação antecipatória e coordenada mesmo em face à data tardia do início da pandemia no país<sup>6</sup> até as tentativas insuficientes, ainda que acertadas, de contenção do vírus pelos governadores e prefeitos, uma vez que a falta de alinhamento e as polarizações crescentes no âmbito político e social diminuem a eficácia do esforço de contenção conforme apontado nos cenários da Macroplan em março deste ano.<sup>7</sup>

Figura 6. Previsão do pico do COVID-19



Fonte: SUTD Data-Driven Innovation Lab. Disponível em: <https://ddi.sutd.edu.sg/>. Acessado em 09/05/2020.

Na 10ª semana da pandemia no Brasil, o *Imperial College London*<sup>8</sup> publicou estudo sobre a efetividade das medidas de intervenção não-farmacêuticas (distanciamento social, fechamento de escolas, proibição de eventos, *lockdown* etc.) adotadas em parte de 16 estados brasileiros. O estudo aponta que medidas mais severas de isolamento social serão necessárias para que a curva do COVID-19 se achate no país. A mesma indicação foi feita por outros institutos, inclusive nacionais<sup>9</sup>, e já é adotada por alguns estados brasileiros<sup>10</sup> e com sucesso por países europeus como Itália e França que já passaram pelo pico da curva do vírus.

<sup>5</sup> Síntese elaborada por Raphaela Moreira.

<sup>6</sup> O primeiro caso de coronavírus registrado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020 (Ministério da Saúde, ver em <https://covid.saude.gov.br/>), nesse dia o número de casos em todo o mundo era de 81.346 (segundo o Coronavirus Resource Center; ver em <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>)

<sup>7</sup> O que será do Brasil em 2020? Macroplan, Claudio Porto e Raphaela Moreira. Março/ 2020. <https://www.macroplan.com.br/p/o-que-sera-do-brasil-em-2020/>.

<sup>8</sup> Report 21: Estimating COVID-19 cases and reproduction number in Brazil. Imperial College COVID-19 Response Team. 08 de maio de 2020.

<sup>9</sup> A Fiocruz e a UFRJ recomendaram regras de isolamento social mais rígidas, inclusive *lockdown*, para o estado do Rio de Janeiro ([https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u91/relatorio\\_distanciamentosocial.pdf](https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u91/relatorio_distanciamentosocial.pdf) e <https://ufrj.br/sites/default/files/img-noticia/2020/05/lockdownufrj.pdf>).

<sup>10</sup> Em algumas regiões do Maranhão, Ceará, Bahia e Rio de Janeiro foram confirmadas medidas de *lockdown* (<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/08/interna-brasil,852582/lockdown-avanca-pelo-pais-e-chega-a-18-cidades-de-cinco-estados-veja.shtml>)

<sup>11</sup> O número de reprodução é uma medida da intensidade da transmissão do vírus. No começo da epidemia do COVID-19 no Brasil, o número variava entre 3 e 4, isto é, uma pessoa infectada infectaria 3 ou 4 outras pessoas em média. Na data de publicação do estudo da Imperial College, esse número tinha caído para uma faixa de 1,14 e 1,90 (Santa Catarina e Pará, respectivamente).

### New deaths attributed to Covid-19 in United States and Brazil

Seven-day rolling average of new deaths, by number of days since 3 average deaths first recorded

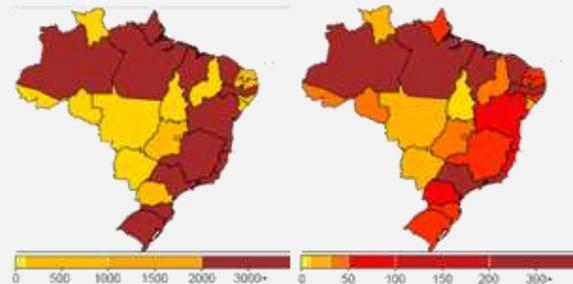


Source: FT analysis of data from European Centre for Disease Prevention and Control. Data updated May 11 2020 8.29pm BST

O principal motivo para esta recomendação é que, apesar de as medidas de restrição de mobilidade terem auxiliado a reduzir substancialmente a taxa de reprodução da doença desde o começo da pandemia<sup>11</sup>, este indicador ainda é maior do que 1. Isso significa que ainda não conseguimos controlar a epidemia no Brasil e que o número de casos ainda continuará a crescer. Além disso, o *Imperial College* calcula que apenas uma pequena parte da população foi infectada e está potencialmente imune (aproximadamente entre 3,3% e 10,6% em São Paulo e Amazonas, respectivamente). Essa taxa é drasticamente mais baixa do que a necessária

para evitar um rápido ressurgimento do vírus, estimada em 70%, caso as medidas de controle sejam relaxadas.

Figura 7. Casos e óbitos por COVID-19 no Brasil



Fonte: SUTD Data-Driven Innovation Lab. Disponível em: <https://ddi.sutd.edu.sg/>. Acessado em 09/05/2020.

Por fim, o monitoramento do *Imperial College* corrobora a previsão da SUTD de que o pico do Brasil está previsto somente para fins de maio. À luz de países que já passaram pelo pico da curva, medidas mais rígidas de isolamento social e até mesmo *lockdown* parecem ser as opções mais eficazes em termos de contenção do vírus. Nesse sentido, para evitar que o número de casos e de mortes no país siga crescendo exponencialmente, tais medidas deveriam ser adotadas.

## 2. Três macro cenários para o Brasil em 2020

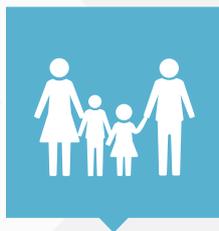
Os impactos da epidemia do COVID-19 não são apenas econômicos e na qualidade de vida das pessoas: a inquietação da sociedade segue agora em progressão geométrica, qual o corona vírus, e sua insatisfação começou a se manifestar nas redes sociais e em painéis, seguidas por desalento e apreensão. O quadro atual é de muita incerteza e qualquer previsão mais assertiva, especialmente as baseadas apenas em modelos matemáticos e preditivos, não passa de um exercício de adivinhação<sup>12</sup>.

É preciso um olhar mais amplo e plural, campo da análise prospectiva de boa qualidade. Por isso, apesar de todas as incertezas existentes, é melhor antecipar cenários plausíveis do que cair na paralisia ou na intuição pura e simples.

Como a Macroplan tem feito desde a sua fundação, há mais de 30 anos, usando as evidências e consolidando as análises qualificadas e prognósticos já disponíveis, além de mapear sinais sutis de fatos portadores de futuro, formulamos em março três macro cenários plausíveis para o Brasil em 2020. Seguem versões desses mesmos cenários atualizadas no final de abril.

---

<sup>12</sup> A propósito v. o excelente artigo “Coronavírus, Ray Dalio e previsão em uma era de incerteza”, de Gillian Brighttett, in FINANCIAL TIMES, edição de 18 de março de 2020.



## 2.1. O melhor cenário: A Reconquista da Normalidade

### **A realidade obriga os atores políticos a evoluir para a coesão e o entendimento.**

A dura realidade finalmente se impõe a todos os atores políticos. A Presidência da República muda. Uma reviravolta surpreendente no que tem pronta resposta dos principais atores políticos. Uma espécie de armistício prolongado no qual se adota um jogo político padrão “ganha-ganha”. Essa “virada” pode ocorrer por um de dois caminhos.

Na primeira hipótese pela adoção, espontânea ou forçada, de um comportamento político-institucional cooperativo por parte do próprio Presidente Bolsonaro. com uma conseqüente reconfiguração do arranjo político - o retorno ao governo de coalizão-cooptação, como às vezes é ensaiado, com a retomada do diálogo com os demais entes da federação.

Na segunda hipótese, por uma mudança de Presidente. Esta última possibilidade foi explanada em recente artigo dos cientistas políticos Octavio Amorim Neto e Fabiano Santos<sup>13</sup>, e tem sido aventada cada vez mais nos últimos dias: impeachment ou renúncia.

Este cenário também aponta para o restabelecimento do jogo da política, com impactos positivos diretos e rápidos nos graus de acerto, nos níveis de confiança e na melhoria e aceleração das medidas de combate às crises da saúde pública, da economia e das maiores vulnerabilidades sociais.

A economia, neste cenário, inicia 2021 com uma progressiva e sustentada recuperação pelo lado do setor privado dadas a contenção e a melhoria da alocação do gasto público. A agenda de reformas estruturais é retomada e os índices de confiança começam a melhorar. Cooperação e distensão ganham espaço nas narrativas e nos atos das lideranças públicas e do setor privado. Há esperança.

---

<sup>13</sup> Uma solução institucional para a crise de governabilidade. In Valor Econômico, EU & Fim de Semana, 17/04/2020



## 2.2. Um cenário muito provável: Aos Trancos e Barrancos<sup>14</sup>

**É um cenário de continuidade do Brasil atual.**

“Aos trancos e barrancos”, é um cenário igualmente provável (40% dos votos) e aponta o caminho trilhado pelo Brasil desde 2017, acentuando-se após as eleições de 2018. A realidade vai se impondo ao conjunto de todos os atores políticos e econômicos. Mas “à brasileira”, ou seja, pela metade, alternando mais com menos.

O presidente da República mantém um comportamento político-institucional e econômico bipolar: ora “morde”, ora “assopra”. A instabilidade deste relacionamento consolida-se como o padrão dominante, dificultando ações públicas coordenadas, duradouras e eficazes.

As agendas de combate à epidemia e de retomada da normalidade econômica e social avançam lentamente e com muita desorganização, improviso, desperdício de recursos e continuidade da corrupção. Mas pouco a pouco vai-se produzindo um saldo positivo, em um processo mais baseado em tentativa e erro do que em um planejamento-ação fundado em evidências. O protagonismo positivo de agentes privados e da sociedade civil tem peso relevante nessa travessia tão difícil.

Já a agenda de modernização e liberalização macroeconômica é desidratada. Equilíbrio fiscal e crescimento econômico sustentado tornam-se inalcançáveis até 2022. A reputação externa do país não ara de piorar. Os níveis de confiança no país se mantêm baixos, especialmente entre investidores estrangeiros, que continuam batendo recordes sucessivos de saída da economia brasileira. O País continua empobrecendo e os anos 2020-29 podem vir a ser mais uma década perdida.

---

<sup>14</sup> Equivalente a uma “travessia turbulenta”.



### 2.3. O pior cenário: A Marcha da Insensatez<sup>15</sup>

#### **O acirramento de confrontos e da polarização pode nos levar a uma saída autoritária**

O pior cenário, que os respondentes da atual sondagem consideram como o mais provável (41%), é o do acirramento dos confrontos e polarizações político-institucionais, lógica central do cenário que a Macroplan denomina “A marcha da insensatez”. A realidade, cada vez mais dura e difícil esgarçam ainda mais os laços de coesão social. O resultado, do ponto de vista estratégico, será uma “vitória de Pirro”: ao final todos perdem, mesmo os vencedores.

Há uma ruptura em relação ao Brasil atual, com uma escalada desenfreada de autoritarismo populista liderada pelo Presidente Bolsonaro, e dos impactos negativos no combate às crises da saúde pública e da economia, que deterioram progressivamente.

Radicalizam-se confrontos e narrativas como, por exemplo, a defesa do impeachment ou renúncia do presidente versus fechamento do Legislativo, “demissão” do STF e submissão do Judiciário. Uma parte da população brasileira (minoritária, mas ativa) - com o apoio tácito de clientelas políticas, empresariais e funcionais – intensifica a pressão por “intervenção militar já”, sucedendo-se manifestações e carreatas em Brasília e outras cidades do País.

Há profunda reconfiguração nas equipes do governo Federal, com a saída em massa dos “iluministas” e “liberais de raiz” e ampliação dos espaços para militares e os políticos do “centrão”. Na fase mais aguda da epidemia, cadáveres se acumulam “à Guayaquil” e ondas de revolta popular, vandalismo e saques a mercados expandem e disseminam. Instala-se uma dinâmica do “salve-se quem puder”.

A nossa democracia enfraquece visivelmente e “começa a morrer”. A economia deteriora aceleradamente. Dólar, juros e inflação disparam, perde-se a âncora fiscal. E assim começamos mais uma década irremediavelmente perdida.

---

<sup>15</sup> Designação inspirada no livro, já clássico, “A marcha da insensatez: de Troia ao Vietnã” escrito pela historiadora Barbara W. Tuchman, duas vezes laureada com o Prêmio Pulitzer. O livro aborda um dos maiores paradoxos humanos: a insistência dos governos em adotarem políticas contrárias aos próprios interesses. Em um texto fluido e envolvente, a autora destaca quatro conflitos históricos em que ações equivocadas tiveram em que ações equivocadas tiveram consequências desastrosas para milhares de pessoas: a Guerra de Troia, a reforma protestante, a independência dos Estados Unidos e a Guerra do Vietnã. Tais episódios mostram a impotência da razão ante os apelos da cobiça e os interesses individuais. Uma leitura fundamental em uma época em que a marcha da insensatez parece se acelerar a cada dia. Também título de um artigo publicado pelo economista Samuel Pessoa na edição da Folha de São Paulo de 15 de março de 2020.

Tabela 2. Síntese comparativa dos três macro cenários para o Brasil em 2020

	 A reconquista da normalidade	 Aos trancos e barrancos	 A marcha da insensatez
Contexto político	Predomínio de comportamento cooperativo entre todos os poderes e níveis de governo	Cooperação temporária do governo federal com os demais poderes e demais níveis de governo	Polarização crescente tanto entre os atores políticos como na sociedade
Políticas de saúde pública	Melhoria e aceleração das medidas de combate ao Covid-19	Atraso e dificuldade de implementação das medidas de combate ao Covid-19	Atraso e impossibilidade de implementação de todas as medidas de combate ao Covid-19
Desempenho econômico	Aumento da confiança nos agentes econômicos. Retomada do crescimento no 2º semestre	Baixos níveis de confiança nos agentes econômicos. Estagnação do crescimento	Perda da confiança dos agentes econômicos. Deterioração e contração da economia com forte recessão
Relações externas	Retomada da boa diplomacia brasileira e contexto econômico externo favorável	Tensões no relacionamento externo brasileiro, especialmente com a China, apesar do contexto externo favorável	Acentuação das tensões externas brasileiras inclusive com grandes parceiros econômicos, apesar do contexto externo favorável

Fonte: Macroplan. Março de 2020.

### 3. Avaliação exploratória da plausibilidade dos três macro cenários

Neste momento, “aos trancos e barrancos” e “a marcha da insensatez” são cenários equiprováveis, segundo os participantes desta 2ª survey.

No entanto, a Macroplan, com base em análise de sinais mais ampla, considera que “aos trancos e barrancos” continua sendo o cenário mais provável, não só porque é o padrão que predomina no Brasil há um bom tempo, mas também pelas inferências que podemos fazer ao associá-lo à sondagem de expectativas. Se a intensidade dos impactos se revelar menor do que o hoje esperado é certo ou quase certo que este cenário prevalecerá. Também tem boas chances de predominar mesmo se a intensidade dos impactos for alta ou muito alta. Na verdade, esse é um cenário que contribui para o prolongamento e a intensificação da crise. Neste macro cenário, os extremistas, as clientelas funcionais (notadamente as “armadas”) e empresariais (as que praticam o “capitalismo de compadrio”), e os políticos clientelistas-populistas e os investidores oportunistas são os principais ganhadores. A sociedade – especialmente os jovens e os “invisíveis”, os contribuintes e consumidores em geral, e os investidores e empreendedores competitivos são os principais perdedores.

O melhor macro cenário, “a reconquista da normalidade” terá mais chances de prosperar num panorama de coronavírus com alto impacto econômico e social, mas de curta duração (algo entre 2 e 3 meses até a superação da fase crítica da crise). Na verdade, pode acontecer um ciclo virtuoso aqui: quanto mais rápido se reconquistar a normalidade (político-institucional, principalmente), mais eficaz e resolutivo será o conjunto de ações anticrise. As chances desse macro cenário, atualmente em forte “viés de baixa”, poderão ter um momento de ressurgência se a intensidade da crise se prolongar muito: nesse caso seria mais por exaustão reativa (um convencimento, embora tardio, de que essa seria a única saída para o país) do que por adesão antecipatória. No entanto, se a intensidade dos impactos da crise do coronavírus se revelarem moderados, as chances da reconquista da normalidade são quase zero. Um paradoxo. Neste macro cenário, a sociedade, os contribuintes, e os investidores e empreendedores competitivos são os principais ganhadores. Já os extremistas (à direita e à esquerda), as clientelas funcionais e empresariais e os políticos clientelistas-populistas são os principais perdedores em potencial.

Por último, temos “a marcha da insensatez”. As expectativas apontam sua probabilidade “com viés de alta” e deve ser mantida no radar por conta do histórico do Brasil. Diante de crises que se prolongam e se agudizam, pelo menos parte de nossa sociedade clama por um salvador da pátria e temos, no

nosso ‘DNA social’, profundas raízes de autoritarismo<sup>16</sup>. E o Brasil já passou isso na década de 1960-69. Assim como o coronavírus era apenas uma possibilidade remota, brilhantemente antecipada por Bill Gates em 2014 em uma palestra no TED, mas que agora voltou a viralizar<sup>17</sup>. Na nossa avaliação, esse cenário tem chance de prosperar se a duração da crise for longa ou muito longa. Neste macro cenário, os extremistas à direita, as clientelas funcionais (notadamente as “armadas”), religiosas e empresariais (as que praticam o “capitalismo de compadrio”), as milícias e os políticos clientelistas-populistas são os principais ganhadores. A sociedade – especialmente os jovens, os contribuintes e consumidores em geral, e os investidores e empreendedores competitivos são os principais perdedores.

O que podemos antecipar com certeza é que, na vida real, nenhum desses cenários evoluirá exatamente como os descrevemos. A realidade é muito mais complexa e muitas vezes nos surpreende, mesmo que tenhamos feito todo o esforço de “cobrir” as alternativas plausíveis. Ainda bem que às vezes a vida real nos surpreende para melhor.

## 4. Conclusão: pessimismo em alta

Concluimos nossa avaliação prospectiva constatando o avanço de expectativas pessimistas, não somente nas sondagens mas também na análises mais qualificadas e em sinais preocupantes emitidos pelos índices de confiança, pelo mercado financeiro (aumento expressivo de dólar e juros futuros, fuga de capitais externos) e também pela disparada no número de doentes e mortes pelo COVID-19. Uma deterioração acentuada nos últimos 30 dias.

Mas a história nos ensina que, numa crise, as resistências às mudanças e medidas drásticas diminuem muito e aumenta a propensão à colaboração. Nós, brasileiros, quando bem liderados e orientados somos muito colaborativos na solução de crises<sup>18</sup>.

Basta lembrar da crise do apagão de energia em 2001: ao fim e ao cabo, a maior parte da solução foi sustentada pela sociedade e pelo sistema produtivo. Naquela ocasião, os governos, em todos os níveis, e bem liderados e coordenados pelo federal, sempre ajudaram, no que fizeram muito bem.

---

<sup>16</sup> Quem tiver dúvida a respeito, leia Lilia M. Schwarcz “Sobre as Raízes do Autoritarismo Brasileiro”, Companhia das Letras, 2019.

<sup>17</sup> Bill Gates: “The next outbreak? We are not ready” (“A próxima epidemia? Não estamos preparados”) acessível em [https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b\\_wyiwl&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=6Af6b_wyiwl&feature=youtu.be)

<sup>18</sup> Ver <https://macroplan.com.br/covid-19-como-governantes-devem-reagir/>

## Anexo

# Comparação entre a 1º e 2º surveys

Quase um mês após a realização da primeira sondagem sobre as expectativas de especialistas quanto aos impactos econômicos da crise global do COVID-19 no país, foi realizada nova pesquisa sobre essas mesmas expectativas e também sobre a evolução do contexto político brasileiro durante essa crise.

De antemão: as expectativas relativas ao impacto econômico se tornaram substancialmente mais pessimistas e, quanto ao contexto político brasileiro, um cenário que parecia pouco provável, mas plausível na primeira pesquisa, se tornou o mais provável nesta segunda. As expectativas parecem se confirmar: em menos de dez dias, o país viu a saída de dois ministros chave do atual governo e a popularidade do presidente cair drasticamente.

Figura 8. Evolução das expectativas sobre os impactos econômicos do COVID-19 na economia brasileira

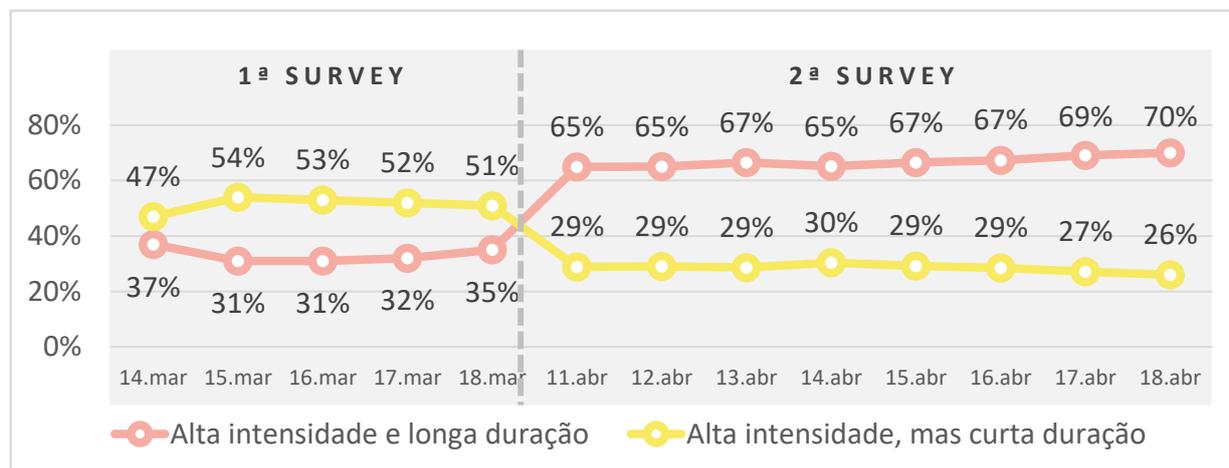


Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020).

Desde a primeira pesquisa sobre os impactos do coronavírus na economia brasileira, o percentual de respondentes que apostam no pior cenário (impactos de alta intensidade e de longa duração) dobrou: de 35% para 70% em apenas um mês.

Esse aumento do pessimismo se deve sobretudo à piora das expectativas em relação à duração da crise: houve transferência de 32 p.p. entre curta duração e longa duração. Enquanto no mês passado, 59% acreditavam que a duração dos impactos seria curta (menor que 6 meses), hoje, apenas 27% acreditam nessa possibilidade. Os especialistas também têm construído maior consenso em relação à intensidade dos impactos, 96% acreditam que será alta ou muito alta, 10 p.p. a mais que na última sondagem.

Figura 9. Evolução dos cenários predominantes

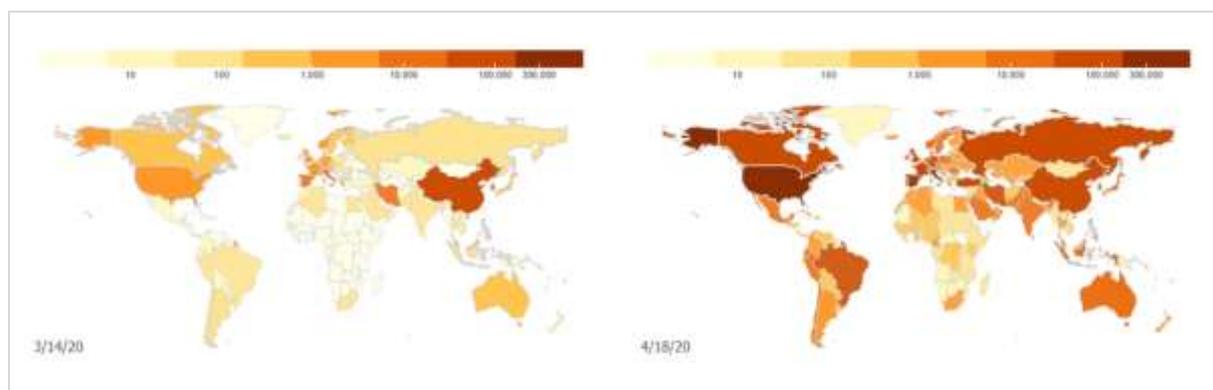


Fonte: Macroplan – Resultados de Sondagem em abril de 2020 (171 entre 10 e 18 de abril de 2020). Nota: Nota: considera os resultados consolidados, isto é, incorpora as respostas dos dias anteriores.

As expectativas dos respondentes foram piorando conforme os casos de COVID-19 mundo afora aumentavam. Durante a primeira sondagem, o número de casos confirmados em todo o mundo subiu de 156 mil para 216 mil. Já no primeiro dia da segunda sondagem, o total de casos confirmados era de 1,7 milhões: mais de 10x o número do primeiro dia da primeira pesquisa. No último dia, já eram 2,3 milhões no mundo, 600 mil a mais que no primeiro dia.

O contexto era ainda mais preocupante no Brasil. No primeiro dia da primeira sondagem, o COVID-19 ainda parecia ser um perigo remoto, apesar de já ocorrer a transmissão comunitária no país: eram apenas 151 casos. No último dia da primeira sondagem, este número havia triplicado (372), mas ainda em um patamar baixo quando comparado a outros países. Já no primeiro dia da segunda sondagem, já eram quase 20 mil casos e no último dia quase 37 mil. Em apenas um mês, o número de casos no Brasil havia aumentado 100x: 10x a taxa de crescimento mundial.

Figura 10. Evolução de casos acumulados no mundo: 1º dia da 1ª sondagem e último dia da 2ª sondagem

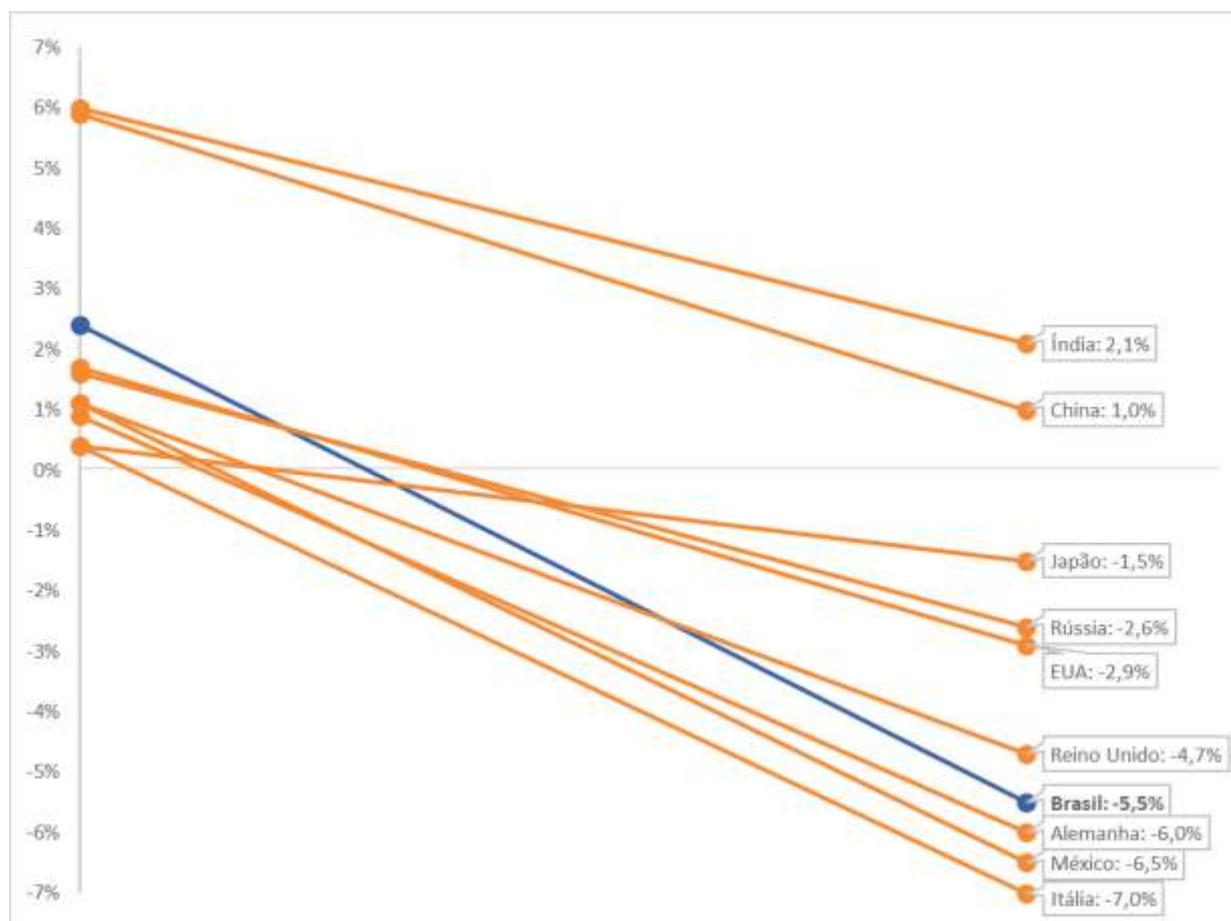


Fonte: John Hopkins Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/data/animated-world-map>. Acessado em 26/04/2020.

Assim como as expectativas dos respondentes, as previsões do mercado para o PIB do Brasil também são extremamente pessimistas: será a maior queda desde 1901. Ainda que as previsões do BC evoluam de maneira menos pessimista e mais lenta do que o mercado, com previsão de queda do PIB ainda menor do que na crise recente, o mercado tem se mostrado bastante pessimista quanto à evolução do PIB brasileiro para 2020.

A maioria das previsões giram em torno de uma queda de 5%, algumas chegando até mesmo a 9%! Se a contração do PIB brasileiro se confirmar na casa dos 5,3% será a maior crise já vista pelo país desde pelo menos 1901. Em comparação a outros países emergentes, a economia brasileira deve cair a uma taxa similar à da russa (-5,5%) e menor que a mexicana (6,6%). A queda do PIB global deve atingir 3%.

Figura 11. Revisões do crescimento do PIB para 2020



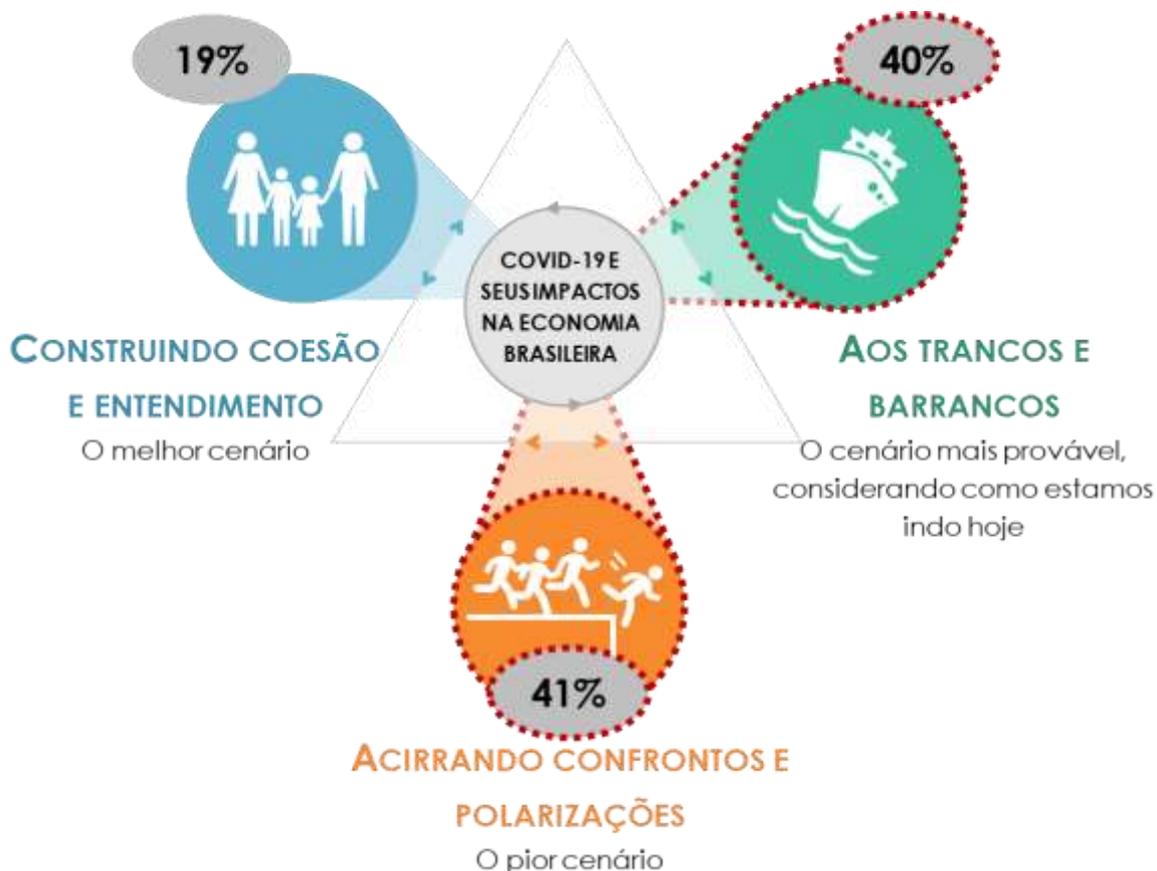
Fonte: The Economist Intelligence Unit. <https://www.eiu.com/n/covid-19-to-send-almost-all-g20-countries-into-a-recession/>

Apesar do cenário caótico, há uma luz no fim do túnel: as previsões do FMI para 2021 é de um crescimento de 2,9% (ainda que abaixo da média de outros países emergentes).

Somente na segunda sondagem com os respondentes é que foi aberta a pergunta sobre a probabilidade associada aos cenários políticos brasileiros. Na primeira pesquisa, a Macroplan havia mapeado alguns cenários a partir das respostas da rede sobre a evolução do contexto econômico.

O pior cenário, “Acirrando confrontos e polarizações”, havia sido formulado de maneira pouco provável, mas plausível. Na segunda sondagem, no entanto, esse cenário apareceu como o mais provável segundo a rede de especialistas.

Os movimentos recentes do contexto político nacional parecem confirmar essas impressões: em menos de 10 dias, o país viu a demissão do Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, que estava à frente do combate contra o COVID na esfera federal, apesar de fortes embates com o Presidente da República vs. apoio popular. Dez dias depois, o Ministro da Justiça, Sérgio Moro, pede demissão devido a um embate antigo sobre o Diretor geral da PF e a família Bolsonaro.



## Ficha técnica



A Macroplan é uma empresa brasileira de consultoria com sede no Rio de Janeiro e atuação em todo o Brasil. Surgiu como *spin off* da Claudio Porto & Consultores Associados, no final da década de 80, e logo ingressou no mercado de consultoria do Brasil entregando um produto inovador – construção de cenários e prospecção de futuros – no 1º ciclo de planejamento estratégico da maior empresa do país: a Petrobras.

Pioneirismo, qualidade das entregas, capacidade de trabalhar com desafios complexos, construção de soluções customizadas e forte dedicação aos clientes são valores e traços característicos da atuação da Macroplan desde sua fundação.

Hoje somos reconhecidos pela introdução de pelo menos três grandes inovações no mercado de consultoria no Brasil.

Com a construção de cenários e prospecção de futuros, desde o início da década de 90 a Macroplan auxiliou governantes e governos, investidores, grandes empresas e instituições não-lucrativas a antecipar futuros alternativos de seus ambientes de atuação e identificar oportunidades e riscos para as suas políticas ou negócios atuais ou potenciais.

Nossa segunda grande inovação foi introduzir, no Brasil, o planejamento estratégico baseado em cenários. Neste campo, a Macroplan ampliou a capacidade de seus clientes de fazer boas escolhas estratégicas em contextos de alta incerteza e volatilidade, balanceando visão de longo prazo com flexibilidade tática para horizontes de tempo mais curtos.

A terceira onda de inovações emergiu com força nos últimos dez anos, quando a Macroplan disponibilizou ao mercado um novo conjunto de soluções que conformam a gestão estratégica orientada para resultados. Uma nova capacidade distintiva de consultoria que complementa as duas anteriores e que tem como foco a transformação das antecipações e escolhas estratégicas em ações e resultados relevantes para os públicos-alvo dos nossos clientes.

Ao longo de quase 30 anos de existência, atendemos a mais de 130 clientes – privados, públicos ou do 3º setor – com mais de 400 projetos em todas as regiões do Brasil, em setores e áreas muito diversas. Empresas dos setores de energia (óleo & gás e eletricidade), indústrias de base tecnológica, governos (federal, estaduais e municipais), instituições de ensino superior e tecnológico, instituições de desenvolvimento e de ciência & tecnologia e entidades de representação empresarial e de apoio a micro e pequenas empresas.

Conhecemos o Brasil como ele é e somos protagonistas da busca de um melhor futuro para o nosso país e nossos clientes. Por isso pesquisamos sistematicamente as potencialidades, fragilidades e perspectivas futuras do Brasil, dos seus estados e das 100 maiores cidades e disponibilizamos ao público uma boa parte desse conhecimento.

Por vocação e escolha, nossa especialidade é entregar resultados com visão de futuro.

### Claudio Porto



Fundador e sócio da Macroplan. Economista. É reconhecido no mercado como um dos mais experientes profissionais brasileiros em análise e construção de cenários prospectivos e na formulação, monitoramento e gestão de estratégias com base em cenários.

Tem publicações em revistas internacionais especializadas (“Prospective in Brazil: The power to build the future” in *Technological Forecasting & Social Change*, Elsevier, London, 2010, co-autoria com Andrea Belfort e Eduardo Marques). E é co-organizador, com Fábio Giambiagi, dos livros: “2022 – Propostas para um Brasil melhor no ano do bicentário” – Elsevier, 2011; e “Propostas para o governo 2015-2018, uma agenda para um país próspero e competitivo” – Elsevier, 2014.

### Raphaela Moreira



Economista. Trabalha em projetos de análise prospectiva, planejamento e gestão para resultados nos setores público e privado. Participou de projetos de planejamento estratégico sob cenários como Plano de Desenvolvimento de Longo Prazo de Goiás, Plano Estratégico da BB Seguros, Plano Estratégico do ONS e Plano Estratégico SESI-SENAI. Também atuou na Colômbia, na área de educação infantil bilíngue para instituições públicas.

### Luiza Raj



Designer, com MBA em Marketing especializada em projetos editoriais. Coordenou e elaborou a comunicação visual e o tratamento gráfico de mais de 100 projetos de consultoria em meio impresso e eletrônico. Na Macroplan, é responsável pela comunicação, pelo tratamento gráfico dos documentos produzidos para todos os clientes e pelas mídias eletrônicas.

